

# A PATRIA.

*Patria totus et ubique.*

FOLHA DEDICADA AOS MELHORAMENTOS DA PROVINCIA.

PROPRIETARIOS E REDACTORES:

Bucharel — Agostão Pereira da Silva e Antonio Gentil de Souza Mendes.

Escriptorio da redacção  
Rua Bella n.º 80.

Theresina.— Sexta-Feira, 24 de Março de 1871.

Anno I.

Labor omnia  
cincit.

Assinaturas:

10.000 — Sete mozes... 6.000

## A PATRIA.

### Instrução popular.

Entre os nossos estadistas, felizmente, é de opinião geral de que a instrução popular é o derramamento das luzes por todas as camadas da sociedade e uma das condições essenciais do progresso e do engrandecimento deste paiz.

Profundamente convencido de ta verdade, e que tambem se mostra inubido chefe da nação em carta endereçada ao ministerio do imperio em 19 de março do anno passado, o governo imperial procura por todos os meios promover a criação de escolas de instrução primaria em todos os pontos habitados do interior. Mas como o estado financeiro do paiz não permite presentemente que as despesas necessárias para a realização de tão louvavel fim se façam exclusivamente pelos cofres publicos, teve elle a feliz ideia de estabelecer para a bolsa dos particulares mais favorecidos da fortuna, determinando a seus elegados nas provincias por circulares de 25 de abril e 30 de novembro do anno passado, que promovam subscrições destinadas á realisação dessa ideia ao mesmo tempo generosa politica.

O Exm. Sr. Dr. Souza Leão, interprete fiel do pensamento do governo imperial, procura com louvavel solicitude ageiar entre nós os meios precisos para a realisação dessa ideia levada, que promette ser tão fecunda de beneficios para o paiz, dirigindo ás pessoas mais gradadas da provincia cartas circulares, em que lhes pede o seu concurso segundo as forças de cada uma, na persuasão de que o brilhante exemplo da corte e das outras provincias não deixará de ter imitadores aqui.

Nós que somos entusiastas dessa ideia, não podemos deixar de publicar nas columnas desta folha, consagrada á toda sorte de melhoramentos publicos, uma dessas circulares do Exm. Sr. Dr. Souza Leão, e fazemo-lo com tanto maior prazer quanto é em nós profunda a convicção de que o appello de S. Exc. terá entre os piahyenses o mais estrondoso eco.

Eis a circular:

«Palacio do governo do Piahy, 16 de março de 1871.—Ilm. Sr.—O derramamento da instrução publica por todas as classes da população de um paiz é uma das condições do engrandecimento e prosperidade desse paiz e

um agouro feliz para em um dia elle marchar na vanguarda da civilização e do progresso.

O abandono inexplicavel em que tem jazido tão importante melhoramento, o estado de ignorancia em que infelizmente vivem as classes menos favorecidas da fortuna em nosso paiz, ignorancia que é causa principal dos maiores desastres e crimes, que amudamente se registram nas nossas estatísticas criminaes, tem preocupado o pensamento do governo imperial, o qual procura por todas as formas realisar o pensamento, de que a instrução é a vida dos povos, e a condição essencial de seu bem estar e felicidade.

Para esse fim, tornando-me interprete dos sentimentos generosos e elevados que dominam o governo imperial e principalmente o augusto chefe da nação manifestados em carta endereçada ao ministerio do imperio em 19 de março do anno passado, e tendo em vista as circulares de 25 de abril e 30 de novembro do mesmo anno, dirijo-me a Vm. para que por si e por intermedio de seus amigos contribua com quaesquer donativos para criação de escolas de instrução primaria, tanto nesta capital, como nas diversas comarcas da provincia, onde as classes menos abastadas violam os seus principios da moral, religião e bons costumes, e d'ahi saão para o futuro cidadãos úteis a si e á patria, que lhes deu o ser. O magnanimo exemplo dos habitantes da Corte e das outras provincias não pode deixar de encontrar imitadores nesta provincia, e esta presidencia, confiando nas luzes e patriotismo de Vm. e em seu amor á causa publica, espera, que Vm. não recusará o seu concurso para realisar, quanto em suas forças e poder, o nobre e elevado pensamento do governo imperial, o qual a seu tempo promette tornar na maior consideração todo o qualquer serviço que n'este sentido for praticado.

Tendo n'esta data nomeado comissões para agenciarem donativos, ás mesmas pederei Vm. fazer-lhes entrega d'aquillo com que em sua generosidade concorrer para tão subido fim.—Deos guarde a Vm.—Dr. Manoel do Rego Barros Souza Leão.—Ilm. Sr. . . . »

## LITTERATURA.

### Poema do padre.

Quem não tinha inda visto—veja agora  
Um padre sendo assumpto para um poema,

ção ha que o peccado lhe amargurava o inverno da vida, traspassando-lhe de remorsos o coração, e emudecendo-lhe os ultimos annos com a escuridão das sombras eternas. Este homem, aos quarenta e tantos annos abandonara uma mulher com uma filha ao péto. Aabeloanadi acalara de desgosto e miséria; a filha ninguem sabia se morrera obscura como nascera, se não caritativa a levou d'entre os abraços em que morrera a mãe.

—Que tristezas de historia!—atálhei eu.—Não l'a pedi tão sentimental! . . . Vai-se parecendo com as historias das cidades. . . Eu cuidei que não havia disso nas aldeias meu amigo!

—Então refiro o conto?  
—Ja agora, . . . Mas carrega o menos que puderes as cores e gras. Esse teu estylo vai-se parecendo com o meu. Quando me fallaste da Magdalena das procições cuidei que las euher o peio dos aromas de rosmarinho e alcerim dos espetaculos religiosos do teu alegre Mundo. De repente despenhas a minha expectativa n'uns anilhos em que morre uma mulher desvalida com uma filha n'a acanhada ao seio morto! . . . Ora, pelo amor de Deus! . . . es muito peor romancista que eu! . . . Se tu visses em que conjecturas eu tenho escripto as novelas que fazem chorar tua senhora! . . . Basta dizer-te que escrevo sempre á luz do crepusculo. Os meus olhos não comportão outra luz. Quando os dias estão lucidissimos do brilhantissimodo sol eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio caado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho, durante os mezes esplendidos do anno, é um continuado começo de noite. Desta escuridade, muitissimo de entristecer, diffidida em vol-

ta de mim, de fora a minha imaginação ha-de sentir-se a terra sem o sole uma coisa de fazer pena e afflicção como se ella houvesse de voltar ao chaos primitivo; assim e sombria a alma, que não pode banhar-se nos oceanos de luz, q' ostens olhos lútu sem dor. Eu affirmo-me a ver uma quasi noite no mundo exterior; o meu mundo subjectivo está povoado de imaginações escuras. Tu, por tua, meu amigo, tão feliz, tão saado de olhos, tão em contacto com o sol, com as arvores e ribeiros, e flores, onde sprindeste esse linguagem plangente?! Sem te ser vices os jubias da peregrina Felicidade sem me contares que o lavrador visinho desamparou a mãe de sua filha. . . .

—E' um episodio necessario no enredo da historia.  
E? Então, vae agora dizer-me que o lavrador, picado pelo remorso, foz a procura da filha. . . .  
—Não; o lavrador, como se visse sosinho; tomou para feitor um affilhado, filho de um jornalista. Este rapaz, que é velho hoje, e se chama Lourenço Pires foi no seu tempo um gentil moçoito, tocava clarinete nas chulatas era o benquista das maldadas e espaladadas, homem para o seu homem, estimado das raparigas e amado de algumas, que, por amor delle se fingirão endiabradas para não caestarem a vontade dos paes.

Perpetua amou Lourenço. A esquivia, tão requestada dos lavradores abastados, a senhoril menina, que parecia enfiar-se para lavar o seudote a uma casa de braso, amou o feitor do visinho.  
Contão os velhos que Lourenço, nas noites calmosas, quando o padrinho se feixava com seu remorso no quarto mais recondito do vasto casarão de cantaria, sahia elle

Da cabeça até aos pés—no ventre e fóra;  
Um padre que é, pra muitos, um dilemma  
S'elle é padre, e se a Deus teme e adora,  
Ou se a missa tambem d'Elle blasphemy.  
Vamos ver. . . soccorrei-me alma divina,  
Da martyr milagrosa—Clementina?!

Soccorrei-me no meu intento honrado  
De provar a quem ler estes meus versos  
Que esse padre sagaz, todo esquivado,  
Perverso é mais que todos os perversos;  
Não é padre nem nada, é um desherdado  
Da graça do Senhor, pois tem immersos  
Em si todos os vícios,—poluido  
Tudo quanto de puro é conhecido!

Um dia em desobriga, em Carcarella  
Celebrava elle missa, . . . ia off'recer lo  
Oeatre, quando ouviu dizer:—a bella  
Deste padre saíam quasi correndo  
No rumo de Caxias, . . . se era ella!  
Eu ouvi lá, na villa se dizendo! . . .  
Adeus, missa, que o padre. . . é Divindade!  
Os cavallos pediu com brevidade! . . .

O' padre excomungado! assim diziam  
Os fiéis, atterrados por tal facto.  
Coitas l' é que ingenuos, não seíam  
Quanto é forte esse laço, ou esse pacto  
Que prendem corações; n'ó comprehendiam  
Que o padre não achando o bem intacto,  
Mata que sobre a missa lançaria,  
E. . . . quem sabe. . . nunca mais e ebraria!

Se a chronica n'ó mente, mesma de ópa  
Pôsse em marcha o meu padre. . . ah, libertino? . . .  
O exilio adiante em um tóco topa,  
Elle a susta-se e grita:—anda, menino;  
E apressando as esporas lá galopa  
Vendo por saber qual o d'stino  
Da sua Dulcinda narçada,  
S'em verdade havia sido raptada!

Em dez leguas tres horas de viagem,  
Ou menos com a panca; o que é verdade,  
E' que nunca se viu tanta coragem,  
De mais em quem se arroga honestidade,  
E, que diz proceder d'uma linhagem  
(Que em duvidão. . . há engano de entidade! . . .),  
Distincta por seus titulos e virtudes,  
Nesta vida em quaesquer vicissitudes?

Todo o povo da villa o viu absorto,  
Entrar e apcar-se acelerado,  
Como o naufrago á salvo n'algum porto  
Depois de muitas horas ter lutado,  
A todos declarando: venho morto. . . .  
De mais sem minha Armia! . . .—estou damnado!  
O povo o l'estimava, e que faria?  
Mas assim a sorreira se sorria!

Sabendo com effeito que era exacta  
A fugida da bella, incomodou-se  
Que ficou com a cara inda mais chata  
De vergonha e vexame, mas calou-se,  
Foi lá dentro, inaniu-se de uma prata,  
N'um momento de tudo preparou-se. . . .  
Aqui devo notar que já sem ópa,  
N'um corcel mais robusto elle galopa!

No rumo de Caxias se lançando,  
Vae dizendo ao d'abo os seus intentos:  
Onde accaso um cavallo ia cançando  
Outro já elle compra por duzentos,  
Pedindo tristemente e supplicando  
Que lhe dêm lenitivo aos soffrimentos,  
Pois é viciima imbelles de um destino  
Qual mundo não há igual—ferino!

que chega em Caxias,—nada, nada,  
Nem ao menos o rasto da querida!  
Sua alma cada vez mais agitada  
E não sente prazer nenhum na vida;  
Vae ao porto, pergunta a vareirada  
Noticias da mulher tão fementada  
«Uma moça, senhor? partiu?  
Tendo a noite embarcado em

Piedosos vareiros! dai-me ut  
Em qualquer destas barcas,—  
E levai-me até lá, onde meu p  
Deve todo esgotar-se ao seio ing  
Dê quem é neste mundo o meu e  
E tudo quanto é bello e doce, e gr.  
Levai-me; eu pagarei vosso trabalho,  
Inda mesmo que vá juntar cascalho!

Os vareiros, a tanta piedade,  
De uma vez pelo padre, posta em praça,  
Aceitão-no com toda caridade  
Dando logo a beber-lhe em uma taça  
O conforto de toda a humanidade  
Alis de inexperitos a desgraça:  
Deixemos de mysterios no presente. . . .  
O que o padre bebeu foi aguardente!

Daqui o que mais deu-se é o seguinte:  
O padre muito longe arremessou-se,  
Chegou a São Luiz como um pedinte,  
Na rua das Barreiras arranchou-se,  
Subindo-lhe o cynismo a tal requinte,  
Que nem ao senhor Bispo apresentou-se!  
Louco, louco, somente se occupava  
Em por ella indagar a quem passava!

Até que n'uma noite ei-lo confronte  
A ditosa morada d'essa Armia. . . .  
Jamais assim tão bello no horizonte  
Para elle uma vez surgira o dia,  
Jamais assim do cimo d'algum monte,  
Contemplara elle accaso uma bahia. . . .

ao rio, copado de carvalhos gigantes, e ahi, sentado n'um toro de malva cantava ao arpejo da viola esta e outras coplas sensibilisadoras:

Ja fui canario do rei,  
Ja lhe fugi da gaiola;  
Agora sou pintasilgo  
D'estas meninas d'agora.  
Parece que é este o estylo que queres. . . .  
—Assim vae melhor. Essa tolice é muito mais sincera que outras maiores que se escrevem nas cidades.  
—E' o que eu ja dizer, se o não dissesses tu; e o primeiro exemplo, que me acudia á memoria, eras tu mesmo.  
—Eu?! obrigado! . . . Aproveito a occasião de saber quando fui mais tolo que o Sr. Lourenço Pires.  
—Quando escrevestes e publicaste uma poesia com estes tres versos:

Sou um martyr de amor;  
Sou um anjo soffredor;  
Nem um prazer me sorri!

Isto é teu?  
—Deve ser: não ha parvoçada que eu não tenha escripto.  
—Pois bem: Lourenço Pires, dizendo que era pintasilgo, foi menos irrisorio que tu, dizendo que era anjo. Anjo, tu! . . . que anjo! . . . No tempo em que decretaste a tua anglicação, foi que eu te conheci a comer outras cruas na Agua de Ouro. Olha se te lembras! . . . Comecei então a descrever dos poetas e a crer nas obras. . . .

## FOLHETIM.

### VINTE HORAS DE LITEIRA.

(Por Camillo Castello-Branco.)

(Continuação do n. 49.)

E' uma mulher de cincoenta annos, lavradora remediada, e a mais bella que pode ser mulher de cincoenta annos, com uma peço de alma e no traço da lavoura, em que a belleza se vai depressa.  
Ha trinta e dois annos que ella era um modelo para Rephaeis que não pudessem phantasiar bellas. Agora mesmo, acontece-me fita-a com não sei que ternura, e digo muitas vezes á minha mãe:—Não ha, cincoenta annos assim!—Se tu a visses, quando ella ia de Santa Magdalena nas procições! . . . responde nada mai.  
Começando pelo principio, deves saber que Felicidade Perpetua era filha unica de um lavrador, cujos bens valeria entre vinte e cinco e trinta mil cruzadas.  
Creou-a mimosamente o pai recebendo que a vida do campo lhe damnificasse a delicada complexão. Contava casual-a com lavrador igual em haveres, poupando-a assim a entender no mundo da lavoura. Excellentes ensinamentos se lhe offerrecerão; mas Felicidade, voluntaria senhora na escola, declinava de si o arbitrio, accitando constrangida o marido que lhe desse o pai.  
Com a casa deste lavrador, defrontava o maior proprietario da minha freguezia naquelle tempo. Era homem de setenta annos, e a Felicidade, e se a Felicidade Di-

Exclamou elle ardente,—quem diria  
Que eu te havia encontrar ó minha Armia!...

O' santa inspiração, fada benedicta,  
Que entevastes meus sonhos!... bate á porta  
Responde-lhe uma voz, que voz maldicta!...  
Outra vez elle bate e se transporta  
De janella em janella e precipita  
Uma d'ellas a dentro... que me importa,  
Brada o padre na sala, que cantigo,  
Por desgraça eu encontre o teu amigo?

Mas ninguém abí estava... houve um suspiro,  
E por tudo um transporte delirioso:  
Ninguém pôde dizer se em tal se fitou  
Deu-se mais que este facto escandaloso,  
Ou se o padre matou alguém á tiro,  
Como fez seu termo pie assás sandoso!  
Só se sabe é que elle trouxe a subredita  
E hoje inda com ella concubita!

Assim findo um dos mais mimosos cantos  
Que me unpuz dedicar ao sacerdote,  
O qual actualmente é meus encantos.  
E a quem presto, em falta d'outro dote  
Meu d'stro e bom desejo sacro santos,  
Pelo que, por favor ninguém me note;  
Pois, se é bom conhecer-se a Divindade,  
Não menos deve ser a honestidade!

(Fim do 1.º canto.)

Minha esperança.

Minha esperança foi sonho  
que risonho  
pela mente me passou;  
foi qual a flôr sem orvalho  
que no galho  
apenas nasceu, mirrou!

Minha esperança foi breve,  
que leve  
me fez sonhar;  
que sorrindo  
surgindo  
logo se apagar.

Minha esperança que outr'ora,  
como a aurora,  
ponta lá no céu,  
sol que já não arde,  
triste tarde,  
ou da noite o negro véo.

Minha esperança tão bella,  
tão singella  
como a florzinha do val,  
transformou-se n'um martyrio,  
pobre lyrio  
nas azas do vendaval!

Foi o nauta que nos mares  
patrios lares  
cheio de fé avistou;  
mas que logo a tempestade  
sem piedade,  
para longe desterrou.

Assim como pelos mares  
dos azares  
foi se o nauta sem bonança,  
amor com um golpe profundo  
deste mundo  
desterrou minha esperança.

Out'ora fives a immensas,  
ricas crenges,  
que o meu peito brotou;  
mas hoje tudo findou se,  
acabou se,  
amor a tudo levou.

Minha esperança foi sonho  
que risonho  
pela mente me passou;  
foi qual a flôr sem orvalho  
que no galho  
apenas nasceu, mirrou!

15 de março de 71.

S. Pereira do Nascimento.

Publicações geraes.

Santa casa de misericordia.

Que quadro desolador, pungente e triste  
esse que vemos? Que quadro é esse  
que se apresenta a vista de todos negramen-  
te sombreado? Que quadro é esse  
que só compuxio mereço? E' a da santa  
casa de misericordia, destinada para a po-  
breza desvalida n'ella se abrigar na hora  
do soffrimento.

A dôr, o gemido e a miseria do pobre  
são para a caridade de um povo irmão, o  
mesmo que os suspiros de nossos infortu-  
nios para a religião.

Caridade, sois uma emanção da Divin-  
dade!

Mas o que vemos e o que se dá?

Vemos uma indifferença criminosa pe-  
netrar serena e placida, como a corrente  
das aguas, pela porta principal daquelle  
pio estabelecimento, e ir no leito de dôr  
dos infelizes, que alli se achão, collocar se  
á sua cabeceira!!!

Horror, meu Deus, horror!!!

Indifferença, sois o spectro desses mise-  
ráveis, para quem a mão prodiga da for-  
tuna nunca se estendeu, e que um dia, le-  
vados ac'opagueu dos soffrimentos, procu-  
rão um pouco desse balsemo Divino cá na  
terra (a caridade) para refrigerar ou curar  
sua dôr.

Não queremos declamar e nem tão pou-  
co pregar lições de moral.

Temos em vista, com as poucas linhas  
que estamos traçando, chamar a attenção  
d'essas centenas de cidadãos, que ferio tão  
facéis em aceitar o honroso cargo de ir-  
mãos da santa casa de misericordia, quan-  
to vão sendo conatados com razão pelo  
procedimento da hoje, esquecendo se dos  
seus deveres, já não dizemos só de irmãos,  
mas de christãos. Attendei todos, que a  
casa de misericordia luta, agora mais que  
nunca, com sérias difficuldades: o núme-  
ro, sempre crescente, de doentes, está na  
razão do augmento da população. Assim  
é, que o hospital se conserva mensalmente  
com enfermos desvalidos em numero de  
30, pouco mais ou menos. Ou ha de ser  
assim, por isso que não ha outro estabele-  
cimento destinado para o mesmo fim, ou  
se ha de voltar da porta a um pobre, que  
gemendo e chorando, se dirige para aquel-

le logar, o que seria uma crueldade pro-  
pria de um povo sem coração e sem alma.  
Ora, n'uma epocha, como a que vamos  
passando, de excessiva carestia em tudo, a  
casa de misericordia, só contando com  
certo subsidio da provincia, está quasi em  
estado de fechar suas portas a esses infel-  
izes, que busco a protecção de tão pio es-  
tabelecimento.

Irmãos! lembrai-vos que sois os susten-  
táculos dessa casa de caridade: aproxima-  
ves do vosso posto, em obediencia aos vos-  
sos deveres, e escutai o gemido do pobre  
doente; vêde os arrancos do moribundo, e  
não vos horrorisais desse tristissimo espec-  
taculo. Attendei que « a primeira quali-  
dade de um soldado, e mo dizia o immor-  
tal Napoleão Bonaparte, consiste na constan-  
cia com que supporta as fadigas e priva-  
ções; o valor está em segundo logar »;  
portanto, repetimos, escutai com constan-  
cia o gemido desses enfermos, que alli se  
recolhem quasi diariamente e ouvireis den-  
tro de vós o—quer que seja—que vos ha  
de fallar deste modo em tom severo e pro-  
fundo: « cuidai de vossos deveres; dai o  
vosso obulo (vossa j'a ou annuidade) pa-  
ra alliviar a dôr de vossos irmãos; lembrai-  
vos, que se hoje a vossa vida sorri de con-  
tente por entre jardins de orifloras e va-  
riadas flôres, amanhã o triste e fatal veno-  
no da miseria a poderá seguir e alcançar,  
e então conhecereis que as leis Divinas  
são inexauráveis, e que ninguém se deve  
com certeza julgar sempre feliz neste mun-  
do... »

Irmãos da santa casa de misericordia,  
que não vos importais com os vossos deve-  
res, não queirais que se vos diga que so  
sois próprios para dar « os bons dias e re-  
cebe-los ».

Levantai-vos dessa moderna continua, e  
trabalhai em prol da humanidade desvali-  
da, que olha para vós com piedade e por  
Deos... (por Deos a Quem tudo deve-  
mos) vos pede que, longe de só viverdes  
para vós, para os vossos gozos ephemeros,  
concorrais com o vosso concurso (uma até  
duas horas em cada semana) para que a  
santa casa de misericordia continue a ser  
o arrimo de tantos infelizes.

Ricos da terra, nós tambem vos falla-  
mos. Vossas almas, que vivem engolfa-  
das no ouro, metal incorruptível, devem  
tambem se compadecer dos desvalidos: ti-  
rais de vossas bolsas uma pequenina parte  
do que tendes destinado para vossos luxos,  
para vossas ostentações, em um mez, e  
com ella soccorrei aquelles infelizes, que  
depois não cessarão de rogar a Deos, que  
vos dê tanto ou mais do que com elles gas-  
tastes. E' dever de todo aquelle que tem  
muito valer aos que tem pouco.

Políticos exaltados (são quasi todos os  
homens desta provincia) onde ides? A  
vossa estrada não é por certo a que seguís.  
Nós, conhecedores da nossa fraqueza e  
pequizez, não somos capazes de vos guiar  
pela estrada que a união e caridade vos  
aponta e vos impelle a seguir; mas vós  
obstinados seguís pela da vingança, do

odio e da perlicão. Em nome, pois, de  
sua união e caridade, não desprezeis as  
nós, ouzamos implorar que seja a  
casa de misericordia desta pobre e atra-  
dissima capital, o ponto de partida de  
dos quantos residem aqui, para o come-  
nos a verdadeira felicidade. Seja esse  
estabelecimento, tão útil a humanidade, um  
dos desvelos de nossos incessantes cuid-  
dos.

1871.—Março.

O anônimo.

Negocios de Jeromenha.

Cante-Alegre, em Jeromenha, 15 de  
zembro de 1870.

Tendo o Sr. Claudio Pereira da Silva  
collector das rendas provinciacs desta villa  
tomado a si descrever a villa do Sr. tenen-  
te coronel Francisco da Costa Carvalho,  
esmagado-o desde a publicação de seu pri-  
meiro escripto, aconteceu que o pobre ho-  
mem ficou tão desapontado, que foi ás car-  
teiras á capital certificar se se sua milhe-  
professora publica, já estaria demittida  
pela sua inaptidão para exercer aquell  
cargo, uma vez que ficou isso provado  
pelos erros crassos, e pessima redacção do  
celeberrimo, já publicado bilhete, a vista  
do qual se conhece tambem das bias leies  
da preceptora da mocidade.

E então, o Sr. Carvalho, no furor que  
lhe é natural, instigado ainda por desafle-  
tos meus, assignou um satânico artigo, que  
se encontra no jornal «Imprensa» n. 235  
de 25 de agosto findo, no qual é atassalha-  
da a minha honra, de meu mano Horacio  
Ribeiro Seares, e de meu cunhado José  
Lino Alves e Rocha, e como fossem invol-  
vidos os nossos nomes e não descreminasse  
os factos que nos attribue, e não querendo  
deixar o detractor de nossa honra sem res-  
posta, venho, por meio deste pequeno es-  
cripto, provoca-lo para que, abandonando  
a linguagem confuza e mysteriosa, de que  
se servio, explique clara, e positivamente  
os factos, que dar-lhe hei a devida respos-  
ta, scientificando-o de que, se assim não  
fizer, será tido como vil e refinado calum-  
niador (1).

Principiou, o Sr. Carvalho o seo artigo  
por um acto de inconsequencia—manifes-  
tando horror aos que descendem do capi-  
veiro sem lembrar-se de Joaquina gogó, e  
João da Única, Maria Teixeira, S. (2) um  
conselho, Sr. tenente coronel?

Quem tem uma vida pobre deve calar se  
e em vez de andar mordendo a tudo e a

(1) Sim, Sr. Carvalho, digo isso não é por que des-  
conheço do ponto de capoz e da lingua, que a soallhen-  
ca da do casavel e representa duas, para servir para ob-  
lar, p'lar, d'outra parte, l'ubar S. a outra é terrível  
é a p'larinha da boca dos fofalhos; da reputação a-  
l'ho; inculca; intriga, m'eria! Se as casas, e es-  
quinas e ruas desta villa fallassem provarão o quanto é  
viperina essa lingua historica.

(2) Nomes claros ao amoroso coração do Sr. Car-  
valho! Sim, Litores, aquelles foram os progenitores de—  
Mafiosa,—mãe de uma franceza c'or de canella dos lí-  
es r'ocas, que commercia com ouro do mesmo quilote  
do que possuio o f'gado José Berreira de Macedo e Silva.  
Toda aquella roga étiopie foi importada de Guiné,  
Goço, Angola, S.

—Lembro-me muito bem, meu amigo. Foi então que  
eu estraguei o figado e o baço. Os tres versos, que ul-  
trajas com sensata ironia, revelão amolecimento de cere-  
bro. Ora agora quando entenderes que o anjo está so-  
bejamente castigado, conta-me a historia do pintasilgo.  
—Foi amado, amado como todos os tolos, que vão  
direitos ao coração da mulher por caminhos desembar-  
gados de senso commum.  
Lourenço, animado por ella pediu-a ao pai.  
O velho cuidou de morrer de assombro e angustia,  
quando Felicidade Perpetua lhe disse: que não casaria  
com outro... Agora vaes ouvir um relato tristissimo  
d'este canto. Ditt'o-lhe breve e sercamente. Passados  
alguns mezes, a moça, coberta de lagrimas, disse ao pai  
o quez que foi tão afflictivo, que o velho sahio a braços  
pelos campos alem e, passou tres dias e tres noites fora  
de casa. Trouxeram-no em umamaca, já quando a febre  
lhe tirara o tinio. Vio a filha, e não a reconheceu. Co-  
brou os sentidos para perdoar-lhe; e, perdoando-lhe, ex-  
pirou.  
Perpetua desfez-se em pranto sincero; mas a vendicta  
publica, apesar do perilo do pai, não lhe per-loou. A  
desgraça da rapariga era notoria. Sahirão contra ella  
as mães de familias, apontando como exemplo, e esca-  
lavrando á chaga da deshonra para lhe torurem mais  
visivel o squalor e a fealdade aos olhos das filhas. Estas  
que a tinham em odio á conta dos seus ares de senhora  
e gestos dengosos, vingaram-se enxovalhando-a com re-  
moques e risos.  
Perpetua agressou-se em correr os banhos para casar  
com Lourenço Pires. O rapaz, contente com os succes-

ses que lhe trouxerão a mão uma bella moça e uma boa  
casa de bens, foi fallar ao abade e apresentou as suas  
cartidões.  
Na primeira domingo, quando o abade acalava de ler  
o pro-lana, sahio de entro o povo uma rapariga de ou-  
tra freguesia; e, parando no arco da igreja apregou  
que Lourenço Pires lhe promettera casamento com alei-  
vosia e roubo de sua honestidade.  
Houve grande rebolico. Perpetua, que assistia á mis-  
sa no recanto eseno dentro a pia de agua-benta e o  
confessionario, sahio da igreja em saltos.  
Lourenço...  
—O pintasilgo...—adallei eu com rancor ao maldito  
que devia, na ordem das aves, chamar-se abutre.  
—O pintasilgo tambem se escon por outra porta a  
fumejar de raiva. O abade apietou a desordem e  
chiadeira das mulheres, que metterão a riso o escan-  
dalo, e continuou a missa. Depois, chamou a mulher  
que sahio aos laubos, arralou testemunhas, e instaurou  
o processo, que foi para a camara ecclesiastica de  
Braga.  
Perpetua foi procurar o valimento de minha familia, e  
desamparou a casa. Meu pai foi em Braga o sollicitador  
da demanda de Lourenço Pires. As provas contra o  
seductor erão frouxas, e contrainnadas por testemunhas  
que depunhão contra a honestidade da travessalora. O  
processo, velipendioso, accorreu la vergonhosas divul-  
gões, como costumão ser estas reclamações da chamada  
honra, est-ve mais de um anno sem despacho. No en-  
tretanto, Felicidade; escondida á zombaria estúpida e  
cruel do gentio da aldeia, achou misericordia em minha

mãe e olhos de piedoso amor para a verem com um fi-  
linho nos braços, do qual foram padrinhas meus  
pais.  
Neste tempo, de uma terra, dez legoas afastada da  
nossa, veio um padre procurar o lavrador, padrinho de  
Lourenço.  
Este padre veio dar ao homem dos remorsos a nova  
da existencia de uma mulher de vinte e tantos annos,  
filha de uma tal Quiteria, que, antes de morrer, n'uma  
aldea das aldas do Gerez, pediu a outro padre que lhe  
escrevesse a sua historia, para, a todo tempo, a filha sa-  
ber quem era seu pai. A qual historia o padre que a  
escreveu, conservou em seu poder para entregal-a moça,  
quando ella soubesse dar valor á noticia do seu nasci-  
mento.  
Como quer, porém, que o historiador fallasse, antes  
do tempo opportuno para codiar da rapariga o impor-  
tante escripto, e a familia do fillicido nenhum caso li-  
zesse do papel envolvido noutros sem valia, decorrerão  
vinte annos até que outro escripto da mesma familia, ex-  
aminando papeis velhos que as filhas destinavam ao forro  
das massarocas de fição, encontrou aquelle, e averigou  
com grande custo a residencia de Maria, filha de Qui-  
teria.  
De paragem em paragem, foi encontral-a na comarca  
de Mont'alegre, servindo uns lavradores, com bom con-  
ceito, e estimação de seus amos.  
Outro padre desta familia tonou conta do escripto,  
dictado pela moribunda Quiteria com taes promenores,  
que o velho lavrador, ouvindo a leitura dos conselhos  
que o historiador, por ventura, em nome da desgraçada

mãe, dala de abem-tumulo a sua filha, rompeu em cla-  
mores e confissões, pedindo que lhe trouxessem a sua  
filha com brevidade, antes que o demónio o collesse,  
sem elle morrer o pedrio de suas culpas enormes.  
Volvidos poucos dias, o rico lavrador recibia em  
casa a filha, e no delirio do seu contentamento, lança-  
va-lhe ao pescoço quatrocentos mil reis de cordões de  
ouro, com uns corações tamanhos, que o arripuar do  
peito alvoroçado da moça não os fazia se quer mover.  
Maria Martins era, desde esta hora, a unior herdeira  
d'aquelle cordão do Minho; mas, era desonro, pedio ga-  
lhose de ser a mais feia mulher da provincia.  
Ampla agora, quando a encontro, digo entre mim: «Eu  
quanto esta mulher viver, o horror ideal da fealdade let-  
tural é impossivel!»  
Era a cara do pai, segundo dizem, correcta pelos  
pareas.  
VII  
—Este demónio—continou Antonio Joaquim—man-  
rou-se do affilado de seu pai. Era Lourenço Pires, um  
bruto faial! Se não fosse o sortilegio da viola e do clar-  
inete, eu havia de cuidar que elle espedia dos olhos  
torrentes magnificas! Pelos modos, mulher que o en-  
carasse a filo sentia-se logo empastada de amor.  
Maria Pires, sem embargo dopeito litigado em Braga,  
não teve mau de si. Declarou-se ao pai, que não se  
despropositada a dechegar; com tudo, observou-lhe  
que Lourenço havia de casar com uma das duas raparig-  
as, assim que se decidisse a questão em Braga.  
(Continúa)

os (3) deve antes de diffisar todos os escriptos do Sr. Claudio Pereira...

Sei ainda que um milhaes mil reis (4) obra de uma quadrilha...

Sei tao bem que um tutor de facto juntou prestacao de contas de um tutor da direi uma conta muito bonita.

Perdao, Sr. Carvalho, foi uma pequena gressao, volto ao assumpto.

Nao desejo interromper a livre e desembaraçada marcha em que vai o Sr. Claudio Pereira, por isso contento-me por agora em referir ao Sr. tenente-coronel Carvalho...

Factos para mais de 13 processos, que nem não tem para si, e os li splices inocentes filhinhos...

sta villa, com não nos e sas ali, e as grades da radia com os presos não de certamente, matar a fome (5) a não com emprestimo de pancia alguma.

Explique-se S. S. que terá as suas ar...

Raimundo Ribeiro Soares,

Esquella casa.

O irmão dos Passos designa-lo para cunhado do outro irmão gido do V. Passos, e o Sr. Epitacio José Rosa, e não o Sr. Agésilau Pereira da Silva, como por juivoco sahi publicado em um annuo que fiz em o numero passado desta ga...

Parentes.

REVISTA SEMANAL.

Amor amore....—Antes de publicarmos o primeiro n.º da—Patria—dirigimos-nos, porulares, a muitas pessoas, não só desta capital como do interior da provincia, solicitando assignaturas para o jornal, que tinhamos em esta crear, como de facto creamos.

No final dessas circulares dissemos que a-nellas pessoas, que não as respondessem, seriam consideradas por nós assignantes do jornal, e como tal receberiam os ns. que se fossem publicando.

Dado á publicidade o primeiro n.º, não podemos porem assim, porque anteriormente haviamos recebido a resposta de quasi todas as pessoas, a quem nos dirigimos, accitando e estando de aceitar assignaturas, como também porque, reflectindo melhor, entendemos que não deviamos enviar jornaes se não a aquelles pessoas, que respondendo as circulares, dignaram-se tomar assignaturas.

Infelizmente, porém, succedeu-nos, por um desses enganos que frequentemente se dão, reletter os primeiros numeros do nosso jornal o Sr. ...., morador no termo de Valença, o qual, não sabemos porque, teya a delicadeza de mimosear-nos com a carta que abaixo publicamos, seguida da resposta, que julgamos de dar e merecer tão distincto cavalheiro—que, ao menos por esta vez, ficará convencido e que só póde dirigir pilherias aos seus familiares e aggregados, e não a nós que não o cobecemos e que pelo facto de lhe havermos pedido sua assignatura para um jornal não estamos na obrigação de ouvir o que lhe approuver dizer-nos.

Ilm. Sr. .... Foi-me apresentado por via do Sr. ... Norberto de Castro e Silva, um recibo de V. S. de importância de 100000 reis que diz e diz milha assignatura por 12 meses, a contar do 1.º de junho de 1871 a ultimo de junho de 1871 do periodico a Patria, que é V. S. proprietario. Fiqui sempre heilho, por he nunca assignar tal jornal, e não auctorizar a pessoa alguma. E verdade que he uma circular de V. S. contendo assignaturas, em que diz que considerava assignante a todo aquelle que não respondeza pela assignatura tal prazo; mas de responsabilidade, e verdade, porque, quando que esse simples dizer de V. S. não tivesse força...

(3) Bem poucos são os habitantes deste termo os que o Sr. Carvalho já se tenha maltratado, e estado disposto. Se não é verdade diga que mostrarei a lista elle. (4) Isto é que se ser de bo e não cunhalo. (5) Acho conveniente que o Sr. Carvalho se calle, e escriptos de milha, o atoz doc; as cabrinhas; o prato de carne; o minino Deoque tantas outras cousinhas o mesmo transmittar.

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

mez passado a veio tão demorado que chegou indistincto com o outro, que devia chegar o dia 21 aqui hontem mesmo.

Emmar com o 3.º.—A seguinte noticia sobre o tra e no corrente anno é curiosa e convem que seja notada na carteira de lembrança de todos, especialmente na dos namorados chamados de parafrejo.

Hoje foi o dia da primeira semana de cada um dos primeiros sete mezes do anno: no mez de julho tivera duas luas cheias nos dias 2 e 3; e nos remanentes cinco mezes a lua se mostrou na sua plenitude na ultima semana de cada um dos mezes—só d'aqui ha muitos annos se repetirá isto.

Cri de rage.—Lê-se no Paiz: Houve hoje os heroicos defensores de Paris, juntamente com a Marselhesa, uma linda poesia da qual fomos obsequiados com uma bella traducção pela Sr. Teófilo de Souza (José), acompanhada desta carta.

Agradecendo-lhe a mimosa offerta, apressamo-nos a dal-a aos nossos leitores: Altes versos que lhe remetto para seu jornal, e a versão de um hymno incendiario e de guerra—Cri de rage—que o povo de Paris, em homenagem a Marselhesa, descanta pelas ruas e boulevardes as suas lindas marchas dos immortaes regimentos, que metamorphoseou em um grande hymno aquella bulhosa e guerrilheira cidade. E seguindo estas novas harmonias que os voluntarios marcham contentes ao trabalhar pezoado das fortificações, parecendo á cada estropha, respirar ji o sangue maldicto dos exercitos invasores.

A ode de Rungt de L' Isle, escripta como o foi, no meio dos ribombos victoriosos dos canhões republicanos de 89, é sem duvida de maior enthusiasmo, maior energia de sentimento. Ella pinta com viveza de traços profundos a alegria e a soberania de animo do povo e suas ferventes e generosas aspirações, mas de um brado heroico pae, e a ser simplesmente um proclama de fraternidade: revoluções parecem sem la-esse atensões nem elevadas idéas desbotaram a chakra, deitando-lhe as forças.

A dor popular hoje toca ao delirio, e tão funda, tão grande como o attentado do inimigo. Hoje não é a republica contra o legitimismo, partido contra partido: hoje é a França que, como o Anteo mythico, pede forças á propria terra e clama por vingança. Neste momento a Marselhesa emmudece, e o—Cri de rage retumba por todos os angulos de Paris.

Resente-se estes versos da impresso sob que foram escriptos: são um eloquente e verdadeiro grito de desespero. Quem lhes será o autor? A principio a pompa, o orientalismo de imagens apontam o gigante da—Lenda dos cecudos—, mas a suavidade do metro e em alguns logares uma certa frondeidade como que protestam contra a idéa de julgá-las filhas do grande lyrico moderno, cujas palavras troam, cujos versos ronfent.

Seja porém quem for, é o seu autor distinctissimo poeta e poeta nacional, não dessa nacionalidade que se contenta em debruçar-se melancolica sobre as ruinas do passado para escutar-lhes os lamentos, mas dessa outra que espera e cre envergar por entre os horizontes nublados a futura regeneração da patria.

Dois palavras agora sobre a traducção. Ninguém ignora com que difficuldades ha a lutar neste mister de verter obras alheias. A maior dellas é identificar-se o traductor com o espirito do autor e de tal sorte a tornar-se quasi um outro elle. Além d'isso são tantos e tão difficéis os preceitos que rarissimo é aquelle que os guarda e observa restrictamente.

Esta minha versão quando não póde sair litteral, não houve remedio, fil-a paraphrastica. Ella vai sem a menor pretensão. Eu lh'a offerço unicamente para dal-a no seu jornal como variedade a seus numerosos leitores.

Grito de desespero. Lá jazem por terra teus filhos mais bravos de gladios escravos aos golpes servis! A horda sedenta despenha se infrene na joia do Seine, na heroica Paris!

De pé, povo ingente! de pé, invencivel! qual raio terrivel, qual fero leão! Atrai-te a elles, não temas vezes: a morte mil vezes que a vil servidão.

Mulheres e velhos são mortos, dispersos! O somno dos berços não cala os fuzis! o sol dos incendios lhes abre passagem, e d'entre a voragem um eco os maldiz! De pé, povo ingente! etc., etc., etc.

Exercício.—Tivemos occasião de observar os que tem feito a companhia fixa de 1.ª linha desta provincia sob o commando interino do distincto capitão o Sr. Lisandro Francisco Nogueira, a cujos esforços são devidos a sua honra de ultimo a instrução.

Os serviços que vai prestando este nosso compereciario são irremuneraveis e altamente d'Os do reconhecimento publico. A ordem do dia abaixo publicada revela bem alto a sua dedicacão pelo serviço militar:

«Palacio do governo do Piahy, 13 de Março de 1871.—Ordem do dia n. 12.—O presidente da provincia tendo occasião de observar a boa ordem, disciplina e accio em que actualmente se acha a companhia de guarnição de 1.ª linha desta provincia, assim como a sua regular instrução tecnica, manifestada nas differentes evoluções de manobras de batalhão e rapidos manojos, que excoem, tem a satisfação de patentear o seu contentamento ao Sr. capitão Ly sandro Francisco Nogueira, commandante interino da referida companhia a cujos louvaveis esforços são devidos semelhantes resultados, e espera que continuará a empregar a sua n'nea desmentida actividade e aptidão no intuito de collocar dita companhia em estado de revaizar com os batalhões bem organisados do exercito—Dr. Manoel do Rego Barros Sousa Leão»

Sabre de Napoleão.—O que o imperador dos francezes, Napoleão III poz nos pez do rei Guilherme depois da capitulação de Sedan, vai ser collocado na grande sala da casa de cadetes em Berlm, no mesmo armario onde se encontra ja o sabre de Napoleão I—conquistado pelo marechal Blucher na batalha de Belle Alliance e offerrecido ao quartel dos cadetes da capital da Prussia.

Fallecimento.—A mala c'egada ultimamente de Coxas confirmou-nos a infausta noticia do passamento da princeza D. Leopoldina.

S. Exc. o Sr. presidente da provincia, logo que d'isso teve conhecimento, mandou fechar as repartições por tres dias em demonstração

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

de não por tio infortunado inesperado acontecimento. Carga insubstituivel, e a de dar lya mensa e o que a maioria dos de factos de factos de factos...

Tua alma, elles dizem, de modo é convulsa, teu peito não pulsa por nobre sentir... E ufanam-se todos com ver te expirante, convulsa, anhelante, na terra cair.

De pé, povo ingente! etc., etc.

Levanta te, patria! solemne é a hora! Preferes agora vencer ou morrer? Escuta-te o mundo, a historia te olha, e irá tua escolha aos évos dizer.

De pé, povo ingente! etc., etc.

Fuzis, fources, pedras das campas, da rua, na colera tua, os calquem no pé. Arroja-lhe ás frentes os nós das cadeias, o sangue das veias... Não deixes um só.

De pé! povo ingente, de pé, invencível! qual raio terrível, qual fero leão!! Atira te a elles, não temas reveses: a morte mil vezes que a vil servidão.

José E. Teixeira de Souza.

**Passageiros.**—Chegaram da Parnahyba e portos intermedios, no vapor *Conselheiro Paranaguá*, os seguintes:

Benedicto Alves Pacheco; Felinto Elycio F. de Moraes; Manoel Joaquim de Abreu; e os escravos—Sirene, e Ladislau.

—Para S. Gonçalo, seguiram no mencionado vapor:

José Raimundo de Vasconcellos; Gustavo Cutrim; José Francisco Braga; Manoel Gonçalves de Medeiros; e os indigentes—Manoel de Souza Bastos e Lazaro Bispo de Souza.

—De S. Gonçalo, no referido vapor, vieram:

João de Castro e Silva; João Francisco de Moura; Candido Antonio Couto; D. Jovina Couto; Sotero, menor, 12 annos; Victalina Soares de Carvalho; Maria Alves Feitosa, e Maria Rosa Feitosa.

—Seguiram no dito vapor para a Parnahyba e portos intermedios:

D. Altina Alves de Noronha; Cornelia, menor de 12 annos; Leopoldina e Adelina, menores de 5 annos; capitão Belarmino de Carvalho Castello Branco; Cecilio José Couto; Moysés José Gomes; D. Maria Henriqueta Gomes; D. Josepha Augusta de L. B. Couto; Simplicio Vieira de Araujo; os cadetes—João Gualberto Pereira Chaves, Rosendo Pereira de Carvalho; um recruta e duas praças que o escoltão; e os escravos—Rufina, Benedicta, Dionisio e America.

—Da Parnahyba e portos intermedios, no vapor *Piahy*, vieram:

Honorio Barroso de Carvalho.

—Para S. Gonçalo, no referido vapor, seguiram:

José Ferreira de Carvalho Sobrinho, seu creado Juvino; capitão Fausto L. F. da Silva; Joaquim Rodrigues Corella; Nuno Candido de Almeida; capitão Themistocles Napoleão de Moraes; João de Castro e Silva; José Lopes de Caldas, e Honorio Barroso de Carvalho.

### EDITAL.

O tenente Francisco Gonçalves Meirelles, fiscal da freguezia de N. S. do Amparo, com exercicio simultanea na de N. S. das Dóres, no impedimento do proprietario.

Faço saber aos habitantes desta cidade, que do dia 30 do corrente em diante, sahirá em correição sobre limpeza das ruas, praças e terrenos possuidos e não edificadados dentro dos limites da decima urbana, na forma do art. 21 § unico das posturas em vigor: visar as licenças das casas de commercio, açougues, padarias e outras dependentes da camara municipal; aferições de pesos, balanças e medidas de arco e liquido, vara e covado, etc. E para que ninguem allegue ignorancia, será este publicadado nas praças e ruas e pelos jornaes desta cidade e afinal affixado no logar do costume.

Theresina, 20 de março de 1871.

F. G. Meirelles.

### ANNUNCIOS.

Vende-se a morada de casa n.º 8 da rua Grande. Quem a pretender comprar, dirija-se á casa de Dr. Francisco Martins da Fonseca, que achará com quem tractar.

### Xarope de Fedegoso.

Preparado por Joaquim de Almeida Pinto (Pernambuco.)

É de uma efficacia verdadeiramente maravilhosa como calmante do systema nervoso e applicado contra a paralytia, asma, tosse convulsa ou coqueluche, tosse recente ou antiga, suffocações, catarros bronchicos, etc., e em geral contra todos os soffrimentos das vias respiratorias, e na phisica pulmonar; sua virtude contra o tetano, os espasmos, e convulsões é incontestavel, e ninguem há que a desconheça.

Acha-se a venda na casa do Barateiro—Francisco Augusto de Moura.

### Devedores de disimos.

Manoel Thomaz Ferreira, arrematante do disimo das freguezias de Theresina, do anno de 1865 á 1866, roga aos Srs. contribuintes abaixo mencionados, o obsequio de virem saldar os seus debites para com o annunciante, visto como, no devido tempo, o não satisfizeram á pessoa que para esse fim esteve competentemente commissionada pelo annunciante, e que precorre o municipio tratando de fazer effectivo o recebimento dos referidos disimos.

Para facilitar aos mesmos Srs. contribuintes o pagamento do que se achão a dever o annunciante incumbio ao Sr. capitão Miguel de Souza Borges Leal Castello Branco, em Theresina, da cobrança dos mencionados debites; convido igualmente prevenir aos preditos Srs., de que estão sujeitos, alem da importancia dos disimos, ao pagamento do premio respectivo, como dispõe a lei que trata desta materia:

1—Anna J. da Cunha, fazenda «Atalho»—deve 5000.

2—A. Alves Pereira, fazenda «Conceição»—deve um novillo.

3—Bellarmino José Neponoceno, fazenda «Sobradinho»—deve trez novillos.

4—Caetano Pereira da Cruz, fazenda «Santa Barbara»—deve 3:200.

5—Domingos G. Pedreira, fazendas—«Fazendinha» e «Salobro»—deve seis novillos.

6—Damaso José da Costa, fazenda «S. Cruz»—deve 3:256.

7—Dionisio José Leal, fazenda «Sacco»—deve 11:200.

8—Francisco de Souza Mendes, fazenda «S. Francisco»—deve 4:000.

9—Florencio Alves de F. Mendes, fazenda «Humildes»—1 novillo.

10—Francisca Malvina Castello Branco, fazenda «Boa Esperança»—deve—4.000.

11—José da Costa Oliveira, fazenda «Olho d'agua»—deve 3:200.

12—Joaquim Candido de Carvalho, fazenda «Bom principio»—deve 4 novillos.

13—José Gonçalves Pedreira, fazenda «Fazendinha»—deve 4 novillos.

14—José dos Santos Barbosa, fazenda «Bom nome»—5:600.

15—Luiza Pereira de França, fazenda «Agua boa»—9:600.

16—Luiz de Souza Leão, fazenda «Bom nome»—deve—12:300.

17—Maria Jaquina de Araujo, fazenda «Umbuseiro»—deve 4:000.

18—Maria Josepha de Jesus, fazenda «Santa Cruz»—deve um novillo e 8:000 reis.

19—Manoel Joaquim de Oliveira, fazenda «Agua branca»—deve 3:666.

20—Marcellino Gonçalves Pedreira, ou seus herdeiros, fazenda «Alegre»—deve dois novillos.

21—Nicolao Alves eira, por seu filho, fazenda «Agua»—deve—4:000 reis.

22—Raimundo Joal, «Olho d'agua»—deve 8:000.

23—Raimundo Manoel da Silva, ou seus herdeiros, fazenda «Prata»—deve 6:400.

24—Raimundo Pessoa Cabral, fazenda «Santa Antonio»—deve reis 4:800.

25—Sebastião Pereira Lopes, fazenda «Bom Jardim»—deve dois novillos.

26—Torquata, tutelada de Maria Josepha de Jesus, fazenda «Santa Cruz»—4:000.

27—Torquato José Albano, fazenda «S. Cruz»—4:000.

28—Ulysses J. de Aguiar, «Carnahyba»—deve um novillo.

29—Umbelina Maria Pessoa, fazenda «Santa Antonio»—deve 4:000.

O annunciante confia que os Srs. acima mencionados satisfirão promptamente o seu pedido.

### Gerencia

da companhia de navegação a vapor do Piahy, em 15 de março de 1871.

Nos armazens da companhia acha-se recolhido, vindo de bordo do vapor—Conselheiro Paranaguá—por não se saber quem sejam os donos, um encapado que parece conter latas de biscoitos com a marca—Antonio Rodrigues Marques—Theresina.

Convida-se a quem for interessado para sollicitar a entrega do armazenario da companhia Antonio Lopes Grillo; e se passados 60 dias desta data não houver reclamação alguma será o objecto enviado ao juizo de ausentes.

O gerente,

Dionisio Mendes da Silva Moura.

### O barateiro

acaba de receber—louça de porcellana branca;—copos de vidro fino para vinho;—Champagne;—rapé vinagrinho, etc.

TINTURA DE



SALSA E

Depurativa

DE PROPRIA

E PRE-

CAROBA

do sangue

INVENÇÃO

PARAÇÃO

Eugenio Marques de Hollanda

As vantagens resultantes da applicação deste preparado, no tratamento radical da exostose, ou bobas, rheumatismo chronico, ou agudo, blennorrhagia, cancos e bebões syphiliticos, dartros, impingens, e toda molestia, cuja origem esteja na impuridade do sangue, devido ao vesos syphilitico, estão comprovadas pelos attestados abaixo de profissionais distinctos; os quaes mediante experiencias repetidas, coroadas dos melhores resultados nos hospitales que dirigem, poderão assignalar o apreço da

TINTURA DE SALSA E CAROBA

DEPURATIVA.

Unico deposito nesta capital—na pharmacia de Eugenio Marques de Hollanda—rua Grande n.º 39—esquina da rua Imperatriz.

Attestados:

Constantino Luiz da Silva Moura, doutor em medicina pela faculdade da Bahia, cavalheiro da imperial ordem da Rosa e encarregado da enfermaria militar do Piahy, &c.—Attesto que tenho empregado sempre com bons resultados a—Tintura de salsa e caroba—da invenção do Sr. pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, não só para o curativo de syphilitis inveterada, como para diversas affecções cutaneas, e principalmente o uso da referida salsa se torna proveitoso no rheumatismo syphilitico e exostose.—E por ser verdade e me ser pedido passo esta attestação.—Theresina, 18 de junho de 1869.—Dr. Constantino Luiz da Silva Moura.

Simplicio de Souza Mendes formado em medicina pela faculdade da Bahia, medico do partido publico desta capital, e provedor de saude da provincia, &c.—Attesto que a preparação official do Sr. pharmaceutico Eugenio Mar-

ques de Hollanda conhecida pela Pharmacia de Salsa e caroba depurativa de seu proprio grande uso no hospital de santa e de caridade, é um excellente especifico para todas as affecções syphiliticas, rheumatismo, de pele e vesuraes; porque possui as virtudes e vantagens dos preparados de iodo, sem os inconvenientes e effeitos, as vezes fataes, dos simples e compostos mercuriaes.—Theresina, 18 de junho de 1869.—Dr. Simplicio de Souza Mendes.

Depositos:

Theresina.—Eugenio Marques de Hollanda. Olinda.—Benedicto de Souza Brito. S. Gonçalo.—Villa-nova Seraine & L. —Fausto Luiz Fernandes da Silva.

### PERFUME INEXTINGUIVEL

Para o lenço, toucador e banhos.



A MUI AFAMADA AGUA DE FLORIDA DE

Murray & Lanman.

É o mais delicado, mimoso e ao mesmo tempo o mais estavel de todos os perfumes, encerra em si, no seu maior ange de excellencia, o proprio aroma das verdadeiras flores quando ainda na sua florescencia e fragrancia natural. Como um meio seguro e rapido alivio contra as dores de cabeça, nervosidade, debilidade, desmaios, flatos, assim como contra todas as fórmias ordinarias de accidente hysterico; é de summa efficacia e não tem outro que o iguale. Igualmente, quando des- temperada com agua, torna-se um dentifricio mais agradavel e excellente, dando aos dentes aquella alvura e apelorada apparencia tão altamente apreciada e desejada pelas senhoras.

Como um remedio contra o máo halito da bocca, depois de diluida em agua, é summa- mente excellente, faz remover e neutralisar todas as materias impuras que se crião á rod- dos dentes e das gengivas, tornando-as duras, sadias e de uma linda cor encarnada. Quanto á delicadeza, riqueza e permanencia do seu fragante aroma, ella por certo não tem igual e a sua superioridade é sem rival. Igualmente ella torna-se um meio mui excellente para fazer remover de sobre a pelle do rosto toda a qualidade de brotoejas, ebulições, sardas, panno, manchas, impingens e espinhas. Quando se queira servir d'ella como remedio para fazer desaparecer qualquer um destes defeitos, e que tanto desfeição as lindas feições do bello sexo, deve-se usa-la no estado de diluição destemperando-a n'uma pouca d'agua, e no tratamento de qualquer uma espinha, sar-se-ha d'ella pura em toda sua forma. Finalmente, como um admiravel meio de communicar ás feições trigueiras e pallidas, um pelle macia e de uma transparente alvura, dádo-lhe uma linda cor de rosa: para um tal fim ella leva a palma a todos os perfumes que se tem inventado até hoje, e existe em plena soberania sem rival. Bem entendido tudo isto se refere unicamente á

Agua Florida

DE MURRAY & LANMAN.

As imitações que se tem feito na França, Alemanha, assim como em muitas outras partes, são inteiramente inuteis e involutas, por tanto recommenda-se mui especialmente ás senhoras, que tenham a precaução e cuidado de quando comprarem, estejam certas de que comprão a

GENUINA AGUA DE FLORIDA

DE MURRAY & LANMAN,

a qual é preparada somente pelos unicos proprietarios

Lanman & Kemp, de New-York

Acha-se á venda no estabelecimento de Francisco Mendes de Souza, —rua Grande n.º 31, —Theresina.